

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO DE LITERATURA LATINA NO BRASIL: A ERA ESCOLAR

Willamy Fernandes

Universidade de São Paulo

willamyfernandes@gmail.com

RESUMO

Partindo da constatação da relevância quantitativa que traduções de literatura latina com finalidade escolar tiveram em meados do século XX, o presente artigo analisa brevemente três dessas traduções buscando identificar suas características. A seguir, aponta a presença de características similares em traduções posteriores, conjecturando a respeito da influência qualitativa dessas traduções escolares. Por fim, conclui que a existência de uma era escolar é elemento fundamental para a compreensão da história da tradução de literatura latina no Brasil no século XX.

Palavras-chave: literatura latina; história da tradução; traduções escolares; século XX.

ABSTRACT

Starting from the quantitative relevance that translations of Latin literature with school purpose had in the middle of the 20th century, this paper briefly analyzes three of these translations seeking to identify their characteristics. Next, it points out the presence of similar characteristics in later translations, and conjecture about the qualitative influence of these school translations. Finally, it concludes that the existence of a school age is a fundamental element for understanding the history of the translation of Latin literature in Brazil in the 20th century.

Keywords: Latin literature; history of translation; school translations; twentieth century.

Gonçalves (2017) dá início ao estudo das traduções brasileiras de Ovídio analisando brevemente as traduções publicadas no séc XXI. Naquele artigo, argumenta-se que, para o conhecimento da história da tradução dos clássicos no Brasil, é necessário se fazer um estudo interno das próprias traduções, indo além dos necessários trabalhos de catalogação centrados em títulos, nomes e datas, e justifica-se a opção por iniciar tal estudo pelas traduções de Ovídio que, sendo um dos autores latinos mais traduzidos ao longo de toda a história da tradução dos clássicos para a língua portuguesa, possibilita-nos estudar uma grande variedade de traduções. Lá como aqui, o procedimento é o mesmo: partindo do particular para o geral, busca-se apontar uma presença mais ampla no quadro das traduções de literatura clássica no Brasil das características percebidas nas traduções estudadas. O presente artigo dá continuidade àquele

Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-21, e019004, 2019

estudo limitando-se a um conjunto de traduções publicadas no Brasil em meados do século XX, conjunto que aqui é denominado “traduções escolares”.

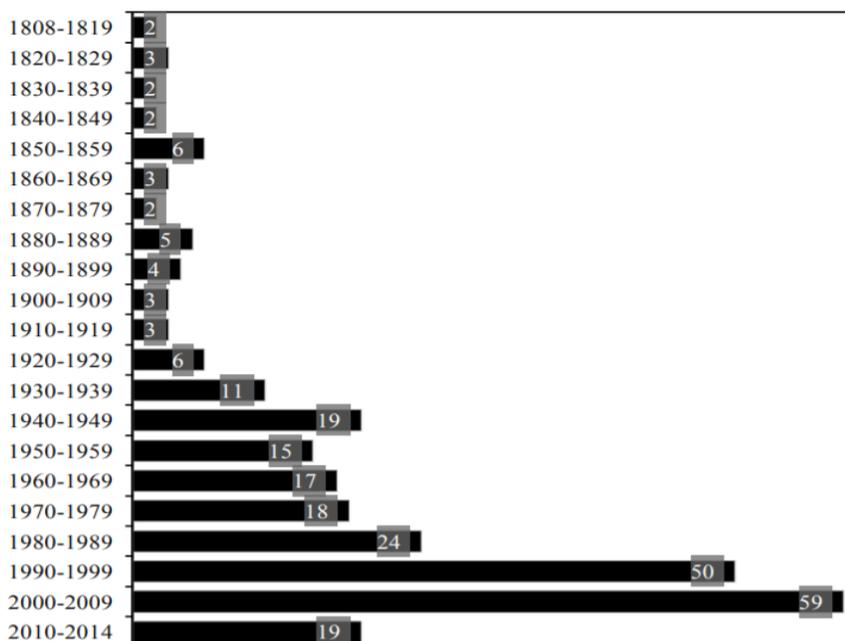
Duarte (2016) busca estabelecer uma organização inicial a partir da qual estudar a história da tradução da literatura greco-latina no Brasil. Com essa finalidade, sugere uma divisão

em três momentos distintos [...]: 1) a era dos patriarcas, centrada na atividade durante o Império; 2) a era dos diletantes, que atravessa o século vinte; 3) a era dos doutores, resultado do advento das universidades, igualmente iniciada no século passado, estendendo-se até os dias de hoje (p. 44).

No presente artigo, argumenta-se pela necessidade de se considerar um quarto período, que denominamos “era escolar” ou, se se quiser manter o paralelismo com as denominações adotadas por Duarte (2016), “era dos professores”. Com efeito, nota-se um certo hiato entre o primeiro e o segundo períodos instituídos por Duarte (2016), entre a era dos patriarcas propriamente ditos e a era dos diletantes, poetas e outros profissionais que se aventuraram na tradução dos clássicos. É, entretanto, durante esse período intermediário que ocorre um primeiro influxo considerável de traduções de literatura clássica no mercado editorial brasileiro. Nas décadas de 1930, 40 e 50, vemos um aumento considerável no número de publicações nesse âmbito, conforme podemos ver no gráfico apresentado por Fernandes (2017, p. 106):¹

¹ Fernandes (2017), partindo de fontes secundárias (TUFFANI, 2006), atribui à década de 1950 as edições H. Antunes, porém, uma consulta a fonte primária, nesse caso, a quinta edição das *Fábulas de Fedro* (GONÇALVES, 1957), nos informa as datas das quatro edições precedentes (1937, 1940, 1945 e 1952), recuando em pelo menos 13 anos a atividade da casa editorial, o que aumenta a quantidade de traduções publicadas na década de 1930 e torna mais drástica a diferença quantitativa com relação à década de 1920.

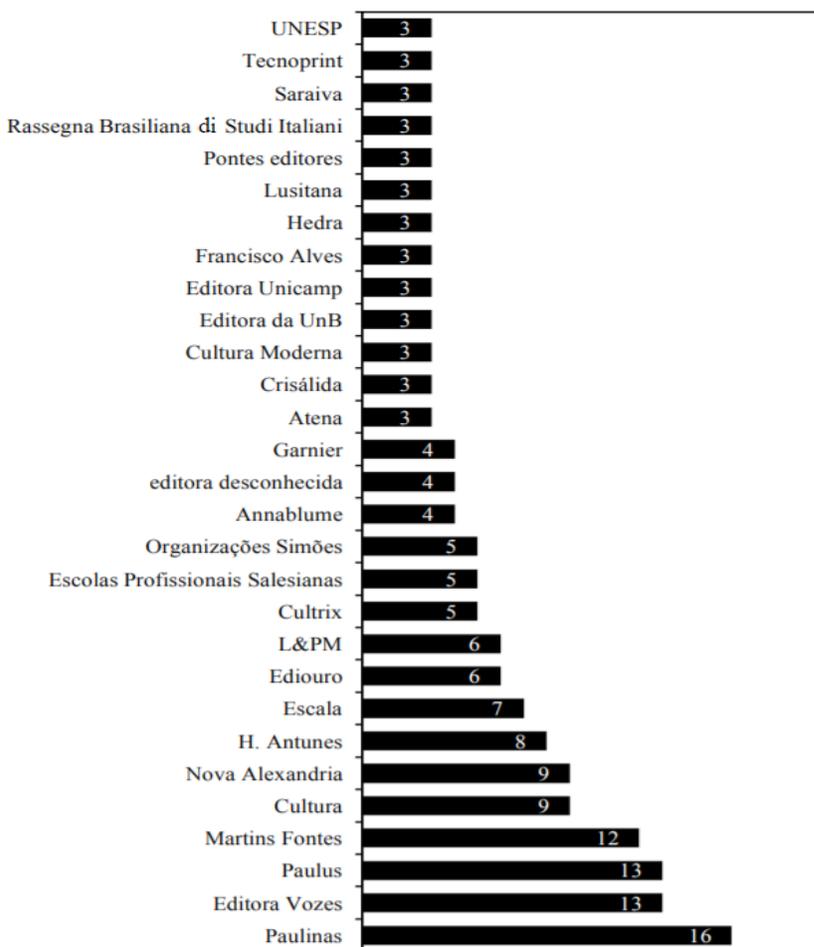
Figura 1 - Número de traduções de literatura latina publicadas no Brasil por década.



Extraído de: FERNANDES, 2017.

Esse influxo tradutório dificilmente poderia ser explicado por um aumento no interesse dos diletantes em anos influenciados pelo modernismo antropofágico, que buscava as raízes negras e indígenas da cultura brasileira, com diminuído interesse pela matriz clássica europeia. Um dos componentes quantitativamente importantes nesse momento de injeção de traduções de literatura clássica no mercado editorial brasileiro é a obrigatoriedade do ensino de latim nas escolas. Para entender por que atribuir papel importante às traduções escolares nesse momento axial da história da tradução dos clássicos no Brasil, vejamos a distribuição das edições por editoras, conforme nos apresenta a mesma Fernandes (2017, p. 46):

Figura 2 - Número de traduções de literatura latina publicadas no Brasil por editora.



Extraído de: FERNANDES, 2017.

Um detalhe que chama a atenção nos dados apresentados por Fernandes (2017, p. 46) é a presença, em meio a várias editoras mais conhecidas entre aquelas que mais publicaram tradução de literatura latina no Brasil de 1808 a 2014, de uma editora pouco conhecida, a H. Antunes, que publicou entre as décadas de 1930 e 1960. Uma vez que Fernandes (2017) não incluiu em sua revisão a tradução das *Metamorfoses de Ovidio* (GONÇALVES, s.d.) publicada por essa editora e as organizações editoriais cristãs (as edições Paulinas, Vozes e Paulus) publicam sobretudo obras da latinidade cristã, a H. Antunes foi, juntamente com a Cultura e a Nova Alexandria, a segunda editora que mais publicou traduções de literatura latina clássica ao longo de todo esse período que vai desde a fundação da primeira imprensa no Brasil

(com a vinda da família real de Portugal) até 2014, período que inclui os 34 anos de 1990 a 2014, nos quais, com um mercado editorial consolidado e com o incremento do trabalho dos professores acadêmicos na área, vemos um abrupto crescimento no número de traduções editadas e no qual se concentra a atuação da Martins Fontes, que, somente no séc. XXI tomou a dianteira nesse *ranking*. Se na década de 1990 foram os trabalhos dos doutores no ensino superior que impulsionaram a guinada tradutória, nas décadas de 1930-1940, foram em grande parte os trabalhos dos professores no ensino secundário os responsáveis por esse primeiro grande influxo.

Assim como as traduções acadêmicas ultrapassaram o âmbito universitário e são frequentemente publicadas em edições voltadas para o público geral, do mesmo modo ocorreu com essas traduções escolares, de maneira que não se justifica que se fale de uma era acadêmica e se ignore uma “era escolar”. Tal era escolar é elemento importante para compreendermos a própria dinâmica posterior da história da tradução dos clássicos para a língua portuguesa. Além de ter dado seus próprios frutos editoriais, é também uma das matrizes da era dos diletantes, pois apenas podemos opor “diletantes” a “doutores” na medida em que, enquanto estes últimos tiveram sua formação em latim nas universidades, os diletantes a tiveram na escola, conforme já pontua Duarte (2016, p. 50):

Autodidatas, muitos tiveram contato com os clássicos nos bancos da escola, aperfeiçoando depois o conhecimento das línguas grega e latina por conta própria. Esses tradutores, ainda largamente publicados, têm um papel formador incomensurável, sendo responsáveis pelo primeiro contato de muitos leitores com as literaturas grega e latina ainda hoje.

José Paulo Paes nos dá um testemunho direto dessa formação (1997, p. 9):

Após ter lido o livro de Horia cuidei de espanar o pó de uns rudimentos de latim aprendidos havia mais de meio século com o Prof. Acioly, no antigo ginásio do Estado de Araçatuba, São Paulo, e passei um bom tempo cotejando o original latino das *Tristes* e das *Pônticas* com a tradução em prosa francesa delas feita por Émile Ripert (Paris, Garnier, 1937).

Mais do que os tradutores diletantes, a era escolar formou também seu público. A geração que lê as primeiras traduções dos diletantes é a mesma geração a que se destina *Não perca seu latim*, de Paulo Rónai (1980). Passada essa geração, encerra-se a era dos diletantes: a tradução de textos latinos fica então a cargo exclusivamente daqueles que aprendem latim nas universidades e já não se espera que o público geral das traduções tenha qualquer conhecimento do idioma original.

Tais traduções escolares seguem diretrizes baseadas em objetivos didáticos e alguns elementos externos podem ser considerados: os programas oficiais

traziam cânones de autores e obras que deveriam ser tratados a cada ano escolar e a legislação apontava os objetivos a ser buscados e diretrizes sobre a forma de tratá-los. Porém, dando prosseguimento ao método adotado em Gonçalves (2017), faremos referência a esses aspectos externos, que merecem estudo à parte, apenas na medida em que forem imprescindíveis para explicar algum aspecto específico da abordagem dos professores-tradutores. O presente artigo abordará as próprias traduções e os paratextos dos tradutores como fonte de informação sobre seus procedimentos e motivações: tendo-se demonstrado a importância quantitativa dessas traduções escolares, é preciso partir para a observação de suas características internas para chegar a uma percepção de sua eventual influência no cenário posterior. A observação interna dessas traduções, além de fornecer elementos para enriquecer a compreensão das práticas tradutórias contemporâneas e das especificidades da tradução de literatura clássica, corrige eventuais erros e complementa inevitáveis lacunas em trabalhos panorâmicos,² refinando a percepção geral que esses trabalhos oferecem.

TRADUÇÃO DAS METAMORFOSES, DE OVÍDIO. LIVRARIA H. ANTUNES LTDA., S.D. MAXIMIANO AUGUSTO GONÇALVES

Já na apresentação dos editores, na orelha do livro, se esclarece o público-alvo dessa tradução parcial das *Metamorfoses*: “os estudiosos do idioma do Lácio”. Vários outros elementos reforçam ainda mais a finalidade didática do trabalho. Na folha de rosto, busca-se dar autoridade ao autor ao apresentar sua posição: “Prof. do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação do Estado da Guanabara”. Ainda como elemento pré-textual temos uma longa lista de obras do autor, quase todas didáticas e referentes ao ensino de língua e literatura portuguesa ou latina e cada uma acompanhada de um breve resumo que salienta o seu caráter escolar. Dentre essas obras, encontramos a seguinte:

Tradução dos autores do programa de latim, 4ª ed.: texto latino, ordem direta, tradução justalinear e literária dos autores indicados no programa oficial de latim do curso ginásial, clássico, artigo 91 (1º e 2º ciclo) e vestibulares às Faculdades de Direito e Filosofia. Livraria H. Antunes, Ltda, Rio.

² Além da informação a que já chamamos atenção na nota 1, a consulta direta a tais edições também acrescenta a informação do caráter completo ou parcial das traduções: *As Metamorfoses de Ovídio* (GONÇALVES, s.d.) apresenta apenas uma seleção de trechos dos livros I e II, a *Eneida de Virgílio* (s.d.) apresenta apenas o livro I, assim como o *De Officiis* de Cícero (s.d.).

Além dessa seleção de pequenos trechos com objetivo mais diretamente didático³ a lista apresenta várias outras traduções de textos latinos, sempre salientando a presença do “texto latino original, novo texto em ordem direta, com a tradução justalinear e a tradução literária” sem, nesses casos, referir-se a seu uso escolar. Dentre essas traduções, temos inclusive obras completas, como as *Fábulas de Fedro* e *As Catilinárias* e outros discursos de Cícero, o que parece sugerir que mais do que o mero uso didático pragmático, o tradutor teria sentido a necessidade de oferecer ao leitor/estudante a experiência de um todo literário, extrapolando as exigências do programa oficial, fato que já aponta para uma ampliação do âmbito de recepção dessas edições.

No entanto, ainda que se aponte para uma dimensão além da sala de aula, tais obras permanecem vinculadas ao didatismo. Mesmo na tradução completa das *Fábulas* de Fedro, as notas se referem a questões linguísticas do latim “com extensão ao português”, como faz questão de salientar o autor:

empregamos todo o nosso trabalho e o melhor do nosso esforço, no intuito de que venha a constituir a mais completa tradução de Fedro para os alunos que se dedicam ao Latim. Além disso, a feição que demos às anotações, desenvolvendo-as no sentido de ampliar e aprimorar o estudo do Português, nunca suficientemente aprendido no curso ginásial, torna este livro interessante até às pessoas simplesmente ciosas de aumentarem os seus conhecimentos na incomparável língua que falamos. (GONÇALVES, 1957, p. 12).

Esses elementos parecem caracterizar a época como um período em que não se dissocia o interesse pela literatura latina do interesse pela língua latina, pois mesmo os eventuais leitores dessas obras que já não frequentassem escolas teriam tido sua formação em latim.

Contextualizada a publicação, passamos enfim ao trabalho proposto aqui, ao estudo do texto da tradução em si ou, mais precisamente neste caso, aos textos das duas formas de traduzir apresentadas, a tradução literal e a literária. Trata-se de um volume pequeno, de 158 páginas, em que se apresentam quatro versões de cada trecho, conforme já diz o subtítulo. Trata-se de uma seleção de trechos dos livros I e II. Essa edição não traz nenhuma referência ao ano de sua publicação, mas sabemos que ela faz parte de uma coleção publicada pelo menos entre o final da década de 1930 e a década de 1960.⁴

³ Essa não é a única obra do gênero nesse período. Cf., por exemplo, *Tradução dos textos latinos*, de José Lodeiro, cuja 12ª edição, pela editora Globo, é de 1955, e cujo longo subtítulo é: “Para uso dos ginásios, colégios e seminários. Contém na mesma página: a ordem inversa e a ordem direta, a tradução literal e numerosas anotações”. A julgar pelos respectivos prefácios (de M. A. Gonçalves e José Lodeiro) e pelo número de edições que alcançaram, esse tipo de publicação teve grande sucesso comercial nas décadas de 1940 e 1950.

⁴ A primeira edição das *Fábulas de Fedro* é de 1937 e a sétima edição das *Catilinárias de Cícero*, já pela Livraria São José, é de 1964.

Aqui, não há nenhuma palavra do tradutor a respeito da coleção, mas na sua quinta edição das *Fábulas de Fedro*, M. A. Gonçalves (1957, p. 11) diz algumas palavras num breve prefácio:

Mais de vinte anos, quase exclusivamente dedicados ao ensino do Latim e do Português, deixaram-nos convicto de que a tradução justalinear constitui guia seguro, indispensável mesmo, ao incipiente de latim, despertando-lhe o interesse pelo assunto e levando-o, conseqüentemente, a traduzir e interpretar os autores latinos não se filiando já à tradução literal, mas fazendo-o correntemente, uma vez de posse do vocabulário e dos segredos da língua.

Quanto à tradução “literária” anunciada no subtítulo, o próprio professor nos esclarece neste mesmo prefácio:

À tradução justalinear acrescentamos uma síntese em português mais fluente, a que chamamos *tradução literária*, conquanto não houvésemos tido preocupação de estilo ou puramente literárias, que não se harmonizariam com a precípua finalidade da obra. Essa segunda tradução visa apenas tornar mais facilmente compreensível o texto, por vezes mal esclarecido na tradução ao pé da letra. (GONÇALVES, 1957, p. 12)

Noutras palavras, o tradutor recorreu ao termo “literária” apenas por não encontrar forma melhor de contrastar a versão “fluente” do texto, num português mais natural, à tradução literal que, por oposição, podemos deduzir que considerava truncada. Comparemos esses dois modos de traduzir a partir de suas traduções de *Met.* I, 5-14⁵:

Texto latino original

5. Ante mare et terras et, quod tegit omnia, caelum
unus erat toto naturae vultus in orbe,
quem dixere Chaos, rudis indigestaque moles
nec quicquam nisi pondus iners, congestaque
eodem
non bene iunctarum discordia semina rerum.
10. Nullus adhuc mundo praebebat lumina Titan,
Nec nova crescendo reparabat cornua Phoebe,
nec circumfuso pendeat in aere tellus
ponderibus librata suis, nec brachia longo
margine terrarum porrexerat Amphitrite;

Tradução “literária”

5. Antes que existisse o mar, a terra e o céu que
tudo cobre, a Natureza apresentava em todo o
universo um aspecto único. Foi o que teve o
nome de Caos, massa rude e confusa, peso inerte,
onde em promiscuidade e discórdia se achavam os
vermes das coisas. 10. Nenhum sol dava ainda luz
ao mundo, nem a lua, crescendo, restaurava no céu
a perdida forma, nem a Terra estava suspensa no ar
que a cerca, equilibrada pelo seu próprio peso, nem
Anfitrite estendia os braços para as longas costas dos
continentes.

⁵ Reproduzimos o texto original conforme aparece na edição, com uso das letras ramistas. Omitimos, porém, o uso da bráquia e do mácron para indicar a quantidade da penúltima sílaba.
Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-21, e019004, 2019

Texto latino posto em ordem direta portuguesa

5. Ante mare
 et terras et caelum
 quod tegit omnia,
 unus erat vultus
 naturae
 in toto orbe,
 quem dixere Chaos,
 moles rudis que indigesta,
 nec (erat) quicquam
 nisi pondus iners,
 que congesta eodem
 semina discordia
 rerum non bene iunctarum.
 10. Adhuc nullus Titan
 praebebat lumina mundo,
 nec Phoebe crescendo
 reparabat nova cornua,
 nec tellus pendebat
 in aere circumfuso,
 librata suis ponderibus,
 nec Amphitrite
 porregerat brachia
 margine longo
 terrarum;

Tradução literal

5. Antes do mar
 e das terras e do céu,
 que cobre todas as coisas,
 um só era o aspecto
 da natureza
 em todo o orbe,
 a que chamaram caos,
 massa grosseira e informe,
 nem existia nada
 a não ser peso inerte,
 e amontoadas no mesmo lugar
 sementes discordes
 de coisas não bem reunidas.
 10. Então, nenhum Titão
 dava luzes ao mundo,
 nem Febo, no crescente,
 refazia (seus) novos cornos,
 nem a terra pendia
 no ar circunvolante,
 sustentada em seus pesos,
 nem Anfitrite
 havia estendido os braços
 pela margem alongada
 das terras;

O tradutor dispõe os quatro textos sequencialmente: primeiro o texto latino original; depois, lado a lado, o texto latino em ordem direta e a tradução literal; por fim, o texto da tradução literária. Tal disposição sugere um percurso em que o texto original é o ponto de partida e a tradução literária é o almejado produto final, ficando a tradução literal considerada como uma etapa intermediária, incompleta, do trabalho. Percebe-se que a literalidade da tradução literal não abarca a ordem das palavras, tendo em vista que o objetivo é extrair o sentido do texto e não os seus efeitos poéticos. Ao contrário, é o texto latino que é modificado para se adequar à ordem direta portuguesa sempre na direção de uma aproximação gradual à língua dos alunos. Somada à quebra do texto em pequenos sintagmas, essa disposição facilita a comparação entre as duas formas intermediárias.

O que define tal literalidade é a fidelidade aos modos de dizer ovidianos, os modos de estruturar as frases e de escolher as palavras. Tempos e modos
 Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-21, e019004, 2019

verbais são mantidos, assim como os casos nominais. As deificações *Titan*, para falar do sol, e *Phoebe*, para falar da lua, são mantidas. O tradutor evita substituir *non bene* por um simples “mal”. O plural *lumina* é mantido na tradução “luzes” apesar de ser incomum falarmos em “luzes do sol”. Todos os tempos verbais são mantidos (presente, imperfeito e mais-que-perfeito). E, por fim, o tradutor evita acrescentar palavras para esclarecer o texto caracteristicamente lacônico. Palavras cognatas são preferidas em alguns momentos: chamam atenção especialmente “orbe” e “cornos” em lugar dos mais banais “universo” e “chifres”. Uma exceção notável na literalidade é a tradução de *crescendo*, no verso 11, por “no crescente” que seria mais apropriado para traduzir o participio presente. Essa mudança não é inócua, pois o gerundivo soma-se a *Phobe*, personificação da lua, com claro sentido de ação e agente, ao passo que em “crescente” sobressai o sentido estativo. Também é preciso ressaltar que o uso de palavras cognatas não é uma exigência absoluta, como podemos ver pela tradução de *dixere* por “chamaram” e de *rudis* por “grosseira”.

Na tradução literária, ao contrário, cognatos rebuscados, que poderiam criar o efeito de um estilo elevado, são evitados: usa-se, por exemplo, “universo” em lugar de *orbe*. Em lugar de *Titão* e *Febo*, aparecem diretamente “sol” e “lua”, perdendo a personificação mitológica desses elementos. O plural “luzes” se torna singular, “luz”. Há uma certa ampliação explicativa, por exemplo no acréscimo de “que existisse” na tradução do verso 5 e modificação de modos de dizer do texto latino, como na tradução dos versos 6 e 7, respectivamente em “a natureza apresentava em todo...” e “Foi o que teve o nome de Caos”. No primeiro caso, cria-se com o verbo “apresentava”, na voz ativa, um agente inexistente no original; já no segundo caso, perde-se um sujeito indefinido implícito no verbo na terceira pessoa do plural *dixere*. O início do verso 8 (*nec quicquam nisi*) não é traduzido. E sua sequência com o verso 9 é reinterpretada sofrendo uma completa reestruturação que apaga as formas de expressão do texto latino buscando apenas comunicar o mesmo conteúdo ao modo português prosaico.

Seria fácil julgar apressadamente que uma obra desse tipo teria bem pouca relação com as reflexões atuais a respeito de tradução poética dos clássicos ou, caso tivesse, que seria pelo viés de sua tradução “literária”. Porém, não é o que acontece. Para ilustrar, reproduzimos a mais recente tradução das *Metamorfoses* de Ovídio publicada no Brasil, a tradução do português Domingos Lucas Dias (OVÍDIO, 2017):

Antes do mar e da terra, e do céu que tudo cobre,
era uniforme em todo o orbe o aspecto da natureza,
à qual chamaram Caos: massa confusa e informe,
apenas peso inerte, amálgama discordante
de elementos mal unidos.

Nenhum Titã dava ainda luz ao mundo,
 nem Febe, em quarto crescente, refazia novos cornos,
 nem a terra, em seu peso equilibrada,
 estava suspensa no ar que a envolve,
 nem Anfitrite estendera seus braços ao longo das praias.

A semelhança dos procedimentos desta tradução com os procedimentos da tradução literal de M. A. Gonçalves é facilmente notável. O tradutor tenta reproduzir os modos de dizer do original, evita acrescentar palavras ou expressões esclarecedoras, evita traduzir *lumina* por um singular, mantém as personificações Titã e Febe, mantém os tempos e modos verbais. A escolha vocabular coincide onde M. A. Gonçalves decidira usar um cognato (orbe, cornos) e onde ele decidira não usar (aspecto, informe, chamaram). Mesmo a tradução de *crescendo* por “crescente” se repete aqui. A tradução portuguesa tenta recuperar sua poeticidade justamente por um certo literalismo que nos dá uma ideia do sabor dos modos de dizer dos autores antigos. Em sua breve nota introdutória (OVÍDIO, 2017, p. 39), o tradutor reserva não mais que duas linhas para falar de sua tradução, informando apenas que “tentou respeitar os dois critérios que definem a lei de ouro dessa atividade, ser fiel e vernácula”.⁶ O “ser vernácula”, pelo que pudemos perceber, manifesta-se sobretudo na sintaxe, isto é, na manutenção da ordem direta portuguesa.

Inicialmente publicada em Portugal em 2006 e longe de ser um caso isolado, a tradução de Domingos Lucas Dias faz parte de uma ampla tendência na tradução dos clássicos em Portugal nessas duas primeiras décadas do século XXI. Seguem parâmetros muito similares Luís Manuel Gaspar Cerqueira, Paulo Farmhouse Alberto, Frederico Lourenço e Carlos Ascenso André, os dois últimos também recentemente publicados no Brasil.⁷

Se, por um lado, a tradução literal de M. A. Gonçalves aproxima-se dessa renovadora tendência portuguesa, por outro lado, a tradução que ele

⁶ Cf. Yebra (1994, p. 344, apud FERNANDES, 2010, p. 50): “a regra de ouro para toda tradução é, na minha opinião, dizer tudo o que diz o original, não dizer nada que o original não diga e dizer tudo com a correção e naturalidade que permita a língua a que se traduz”.

⁷ De Frederico Lourenço, foram publicadas as traduções da *Iliada* e da *Odisseia* (HOMERO, 2013, 2011). De Carlos Ascenso André, foram publicadas as traduções de *Amores e Arte de Amar* (OVÍDIO, 2011). Uma breve nota de apresentação presente na orelha das *Metamorfoses de Ovídio* (GONÇALVES, s.d.), além de nos informar de sua presença em Portugal, também aponta para objetivos semelhantes àqueles que os tradutores portugueses evocam nas introduções de suas traduções, a divulgação da cultura clássica e a utilidade para os estudantes: “O professor Maximiano A. Gonçalves, conforme tem feito em trabalhos congêneres, de êxito invulgar no Brasil e em Portugal, dedicou a este o melhor de seu esforço no sentido de o tornar realmente útil à classe estudantil, contribuindo, assim, para o incentivo da cultura clássica”.

chama “literária” já se filiava à tradução filológica que teve frutos editoriais especialmente na segunda metade do séc. XX, como as *Metamorfoses* e a *Arte de Amar* (OVÍDIO, 1983, [198-?]) traduzidas por David Gomes Jardim Jr. e a *Arte de Amar* traduzida por Hélio Gomes da Luz (OVÍDIO, [195-?]), todas em coleções destinadas ao grande público, todas em prosa corrida. A tendência portuguesa é em grande medida uma resposta a essas traduções filológicas que extrapolaram o âmbito acadêmico e foram publicadas em edições comerciais voltadas para o grande público. Esse tipo de tradução esclarecedora do conteúdo, lavrada em prosa corrida e normalmente utilizada nos trabalhos de finalidade acadêmica vem sofrendo críticas desde os anos finais do século XX, dentre elas a crítica de que, por não se preocupar com a poeticidade do original, seriam ineficientes quando se trata de divulgar essa literatura para um público mais amplo (MORA, 2006). No modelo seguido por M. A. Gonçalves, a tradução literal aparece como uma “tradução de trabalho”, uma etapa intermediária que antecederia um acabamento final, cujo produto é chamado “tradução literária” e consiste em adaptar a tradução a um português claro e fluente, a uma forma prosaica do nosso idioma. Em outras palavras, consiste em eliminar qualquer indício de que se trata de uma tradução, qualquer resquício da origem latina do texto. Tal deslatinização segue na contramão do que preceituam alguns dos mais significativos teóricos da tradução, como Walter Benjamin (2001), Antoine Berman (2012) e Venuti (2008), que possivelmente influenciaram a postura dos novos tradutores portugueses.

TRISTIUM. ORGANIZAÇÃO SIMÕES, 1952 [1940]. TRADUÇÃO LITERAL DE AUGUSTO VELLOSO

O critério da tradução desta edição de 1952 está estampado na capa, no subtítulo: “Tradução Literal de Augusto Velloso”. Além deste Ovídio, Antônio Augusto Velloso publicou também a *Tradução Litteral das Odes de Horácio* (s.d.) e as *Sátiras de Horácio* (1944). Dos quatro elementos presentes nas edições de M. A. Gonçalves, A. Velloso retém apenas dois, a tradução literal e o texto latino transposto em ordem direta. Essa escolha dos elementos, somada ao fato de que o tradutor é também professor,⁸ poderia facilmente nos fazer supor que essa publicação fosse mais restritamente voltada para uso escolar, porém, ela foi publicada pela Organização Simões na mesma coleção Clássica

⁸ No *Proêmio* que antecede a tradução (p. 19), ele declara: “O presente trabalho não pode estar isento de defeitos, pois foi elaborado depois da labuta diária, nos lazeres permitidos pelo magistério e pela advocacia, em horas que deviam ser consagradas ao repouso”. Não fica esclarecido em que área o tradutor exercia sua docência e sua declaração sugere que sua tradução é um trabalho de diletante.

que apresenta também a tradução poética das *Metamorfoses* pelo português oitocentista Antônio Feliciano de Castilho (OVÍDIO, 1959), as traduções das *Sátiras* de Horácio por Antônio Luís Seabra,⁹ as traduções quinhentistas de Cícero pelo português Duarte de Resende (CÍCERO, 1952) e uma tradução da *Arte de Amar* em prosa por Hélio Gomes da Luz (OVÍDIO, s.d.). Além disso, ao contrário do que ocorre nas obras de M. A. Gonçalves, não há nos paratextos dessa edição dos *Tristia* qualquer referência a finalidade didática/escolar.

A tradução de Augusto Velloso, tem uma disposição verticalizada não por ser poética, mas porque, seguindo o mesmo modelo de M. A. Gonçalves, ele quebra arbitrariamente os versos de Ovídio em pequenos blocos de sentido, para facilitar a compreensão do texto latino. Vejamos como ele apresenta o início da elegia I do livro I:

Hei mihi! parve liber,
 ibis sine me, (nec invideo)
 in urbem, quo non licet
 domino tuo ire.
 Vade, sed incultus,
 qualem decet esse exsulis.
 Infelix, habe habitum
 hujus temporis.
 Vaccinia non te velent
 fuco purpureo
 ille color
 non est conveniens luctibus.
 Titulus nec notetur
 minio, nec charta
 cedro;
 nec geras cornua candida
 fronte nigra.
 Haec instrumenta ornent
 libellos felices;
 decet te esse memorem
 meae fortunae.

Ai de mim! ó pequeno livro,
 irás sem mim, (não impeço)
 para a cidade para onde não é lícito
 a teu autor ir.
 Vai, mas descuidado
 qual convém ser o livro de um exilado.
 Infeliz, toma o aspecto
 desta circunstância.
 As tintas da violeta não te cobrirão
 com sua cor purpúrea;
 aquela cor
 não é conveniente às tristezas.
 Teu título não será assinalado
 pelo vermelhão, nem o papiro
 pela resina do cedro;
 não levarás extremidades brancas
 no frontispício negro.
 Estes ornatos devem decorar
 os livros felizes;
 é preciso que te lembres
 de minha sorte.

⁹ Essa tradução ainda circula em nossos sebos e livrarias em várias reedições. Foi reeditada na famosa coleção Clássicos Jackson (1948), na coleção de bolso da Ediouro (s.d.) e, mais recentemente pela Edipro (2011).

O próprio tradutor apresenta seu projeto num breve proêmio datado de 1940 (p. 19):

Essa tradução é literal para sua maior fidelidade, mas a clareza da frase e uma interpretação exata do pensamento do poeta impuseram algumas vezes a versão de tempos de verbos por outros, a mudança do gênero e do número e que fossem dadas aos casos funções diferentes das que lhes são próprias. [...] Seu único mérito consiste no respeito integral ao original, cuja pontuação foi rigorosamente conservada, em ter sido postos em ordem direta os versos de “Tristium” e em ser esta a primeira versão de obra do insigne vate latino.

Com efeito, uma vez que não apresenta a tradução “literária”, em muitos pontos o tradutor precisou abrir mão do literalismo estrito para que a tradução literal bastasse em si mesma para a fácil compreensão do conteúdo pelo leitor. Na amostra acima, vemos vários verbos no presente do subjuntivo traduzidos por um futuro do indicativo. Mas também vemos alterações de um tipo não apontado pelo tradutor, tal como *invideo* (“invejo”) traduzido por “impeço” e *decet te esse memorem* (“convém que estejas lembrado”) traduzido por “é preciso que te lembres”, se distanciando da construção latina. Augusto Velloso incorpora à tradução literal pequenas mudanças que M. A. Gonçalves reservava à tradução literária, ou seja, uma só tradução acumula funções que em M. A. Gonçalves são distribuídas entre duas traduções. É digno de nota que, longe de considerar um problema a reorganização do texto original, o tradutor considera um mérito colocar o original de acordo com a ordem direta portuguesa. É digno também de nota o fato de, 78 anos depois da primeira edição dessa tradução, ela continuar sendo a única tradução integral dos *Tristia* publicada no Brasil.

A tradução de Augusto Velloso parece ser o mais avançado bastião do didatismo: impõe ao próprio texto latino a ordem direta portuguesa e apresenta-o apenas dessa forma, deixando de lado a forma original. A escolha de apresentar o texto latino alterado, estranha para os padrões atuais, parece dever-se, apesar da destinação dessa edição ao público geral, aos objetivos didáticos, indicando, talvez, que o público interessado pela literatura latina por ocasião de sua publicação, tendo formação escolar em latim, interessava-se pela possibilidade de aceder ao original, para o que concorria o trabalho de reordená-lo segundo a ordem direta portuguesa.

HEROIDES. EDIÇÕES GRANET LAWER, 1975. TRADUÇÃO DE
WALTER VERGNA

Por fim, um brevíssimo comentário a um fruto tardio desse mesmo ramo. Apesar de sua data, essa publicação apresenta diversos aspectos que a filiam à tradição escolar. Obra avolumada por uma quantidade de elementos pouco Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-21, e019004, 2019

comuns em edições recentes de traduções de literatura latina (por exemplo, 26 páginas de exercícios diversos de latim), embora não seja um livro escolar, ressentido ainda do didatismo do período de obrigatoriedade do latim nas escolas e reflete as especificidades de seu público. Esses elementos que nos parecem esdrúxulos hoje possivelmente eram valorizados numa época em que o acesso a obras pertinentes era mais difícil para o público comum, como sugere o fato de a sinopse do livro, na contracapa, se limitar a propagandear que se trata de “obra enriquecida com uma sinopse da história da literatura latina e de subsídios para o aprendizado do latim”.¹⁰

Curiosamente, a mesma edição de *Tristium* em tradução literal de Augusto Velloso de que tratamos acima traz como introdução (p. 7-8) o texto *A arte de traduzir*, de 1939, que aponta para caminhos diferentes daqueles seguidos por Augusto Velloso. A autora, Maria Eugênia Celso, aponta para a tradução enquanto criação literária, salientando que

os bons tradutores estejam tomando feitiço e personalidade de verdadeiros artistas. Em interessante artigo de uma das últimas “Nouvelles Littéraires” Wladimir Weidlé nos esclarece acerca das qualidades requeridas para este gênero de criação literária, pois não hesita em classificar como verdadeiros criadores, aqueles que conseguem *adaptar ao espírito da língua para a qual é vertido* um original integralmente respeitado, quer na estrutura íntima de sua essência, quer nos meandros personalíssimos de sua forma. [...] O correto e o exato tomam um sentido diverso, *muito menos positivo e ao pé da letra*, ampliados insensivelmente pelo imperativo de conservar ao autor traduzido toda a sua saborosa originalidade de estilo e de pensamento.

Para essa delicadíssima tarefa impõe-se muita vez alterações que, embora modificando aparentemente o texto, lhe garantem e até lhe aclaram magnificamente a projeção no idioma novo, onde foi transportado ao nível da compreensão de leitores estranhos e quase sempre apressados¹¹.

Apontando ao mesmo tempo para a necessidade de se conservar o estilo do autor traduzido e para a necessidade de apresentar um texto português fluente para facilitar a vida do leitor, esse pequeno trecho nos serve de oportuna transição para a tradução que estudaremos a seguir. Dois aspectos ficarão salientados: em primeiro lugar, veremos como Walter Vergna buscou garantir a legibilidade do texto português para os “leitores estranhos e quase sempre

¹⁰ Compare-se com a nota escrita pelo “Dr. Celso Vieira (Da Academia Brasileira de Letras)” e utilizada pelos editores à guisa de apresentação em Gonçalves (1957): “Felicito-o, mui cordialmente, por sua *Tradução das Fábulas de Fedro*, livro excelente não só para os alunos que se dedicam ao Latim, mas também para quantos desejarem aprimorar seus conhecimentos de nossa Língua. As anotações numerosas com que o enriqueceu valem por outra preciosa contribuição filológica onde se patenteia o mestre, o erudito e o infatigável estudioso do idioma que falamos”.

¹¹ Grifos nossos.

apressados”. Em segundo lugar, veremos como, dada a diferença tipológica entre as duas línguas em jogo, esse objetivo dificilmente será conciliável com o primeiro, “a necessidade de se conservar o estilo do autor”. Ilustramos o texto de Walter Vergna com o início da primeira epístola, de Penélope a Ulisses, ao qual acrescentamos, à guisa de comparação, uma proposta de tradução literal:

ORIGINAL LATINO

Hanc tua Penelope lento tibi mittit, Ulixē:
 Nil mihi rescribas attamen; ipse veni.
 Troja jacet certe, Danais invisā puellis.
 Vix Priamus tanti totaque Troja fuit!
 O utinam tunc, cum Lacedaemona classe
 petebat,
 Obrutus insanis esset adulter aquis!
 Non ego deserto iacuisse frigida lecto,
 Nec quererer tardos ire relicta dies;
 Nec mihi quaerenti spatiosam fallere noctem,
 Lassaret viduas pendula tela manus.

TRADUÇÃO DE WALTER VERGNA

Ulisses,
Quem endereça esta *carta* a ti, tão demorado, *sou eu*, tua Penélope.
Por favor, não me respondas por carta.
 Vem pessoalmente. Sem dúvida está arruinada Troia, *terra* odiosa para as jovens gregas. Nem Príamo, nem toda a *cidade de* Troia foram de tão grande importância. Oxalá nessa época, quando se encaminhava para Esparta, *esse* adúltero tivesse sido tragado pelas águas tempestuosas!
Nesse caso, eu não teria ficado fria no leito abandonado, não choraria por passarem morosos os dias nem a tela interminável me cansaria as mãos, mãos de viúva que se empenha em ludibriar a noite, também interminável.

NOSSA TRADUÇÃO LITERAL

Esta [carta] tua Penélope a ti envia, lento Ulisses:
 Nada, entretanto, a mim escrevas [em resposta]; vem tu mesmo.
 Troia jaz, certamente, odiosa às jovens gregas.
 Dificilmente foram tamanhos Príamo e toda a Troia!
 Ah! quem dera [que] então, quando à Lacedemônia em navio avançava,
 Fosse esmagado o adúltero pelas insanas águas!
 Não teria eu jazido fria no leito desertado,
 Nem, relegada, lamentaria [pel]os dias [part]irem tardos;
 Nem, a mim que busco enganar a espaçosa noite,
 A tela pendente [me] cansaria as mãos viúvas.

Ainda que se filie à era escolar, temos uma inversão fundamental aqui: enquanto A. Velloso escolhe, das edições de M. A. Gonçalves, os dois elementos mais conformados à finalidade didática (o texto latino posto “em ordem direta”

e a “tradução literal”, excluindo o texto original e a “tradução literária”), Walter Vergna faz exatamente o contrário: fica com original e tradução literária, o ponto de partida e o produto final, excluindo os dois elementos mais ligados ao didatismo ginásial. Original e tradução são colocados não frente a frente, como é comum hoje para facilitar o cotejo, mas sequencialmente, primeiro a tradução, depois o original. Trata-se de uma tradução em prosa corrida, conforme será predominante na segunda metade do séc. XX tanto nas edições oriundas de trabalhos acadêmicos¹² quanto nas edições populares.¹³

O texto português, preparado pelo tradutor para dirimir qualquer dificuldade interpretativa, diminui o trabalho dos leitores, que não precisam sair de um âmbito estritamente familiar da língua portuguesa para acessar o conteúdo do texto latino. Aquele trabalho, entretanto, lhe permitiria aproximar-se pelo menos um pouco do original latino e, na abordagem de Vergna, excluídos o texto latino em ordem direta e a tradução literal, abre-se um fosso entre original e tradução, fosso que se manifesta na apresentação de original e tradução em sequência. A tradução funciona como um texto autônomo cuja herança é caracterizada por Vasconcellos (2011, p. 69):

Tenho a impressão de que, por vício da tarefa ancestral de explicação dos textos, tendemos por vezes a traduzir escolhendo palavras e expressões que acabam criando como que uma versão simplificadora de tudo o que o original possa ter de difícil, enigmático, impreciso, vago. Nesse tipo de tradução, parece que a preocupação central é aparar qualquer aresta do texto, propondo ao leitor algo fluente e fácil, de compreensão mais imediata.

Contribuem para tal efeito familiarizante não só a tradução em prosa corrida, mas também a disposição do texto não conforme o gênero poético epistolar, mas conforme seu congênere pragmático, a carta, notável, por exemplo, na anteposição do vocativo-destinatário isolado na primeira linha. Também é de notar os frequentes acréscimos de palavras e expressões (que destacamos em *itálico*) com finalidade explicativa e facilitadora da leitura fluente do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja por inaugurar determinadas características, seja por reforçar e passar adiante características previamente existentes, a presença das edições escolares nesse momento axial do mercado editorial brasileiro de traduções de literatura

¹² Veja-se, por exemplo, as traduções de G. D. Leoni e Antônio da Silveira Mendonça.

¹³ Tais como as traduções de David Jardim Jr., Jamil Almansur Haddad e Tassilo Orpheu Spalding.

latina deixou marcas nesta tradição tradutória. A postura estritamente didática não está mais presente em nossas edições atuais no que diz respeito à manipulação do texto original, porém, podemos nos perguntar se há resquícios desse didatismo nos textos das traduções.

Considerando as justificativas pragmáticas do ensino de latim nas escolas, podemos facilmente compreender que os professores tenham adotado a postura de minimizar o abismo sintático que separa o latim do português para facilitar aos alunos o acesso aos dois aspectos importantes para o objetivo didático: o conteúdo e o vocabulário. Com efeito, uma das grandes diferenças entre a língua latina e as neolatinas é a tipologia linguística e a sintaxe de casos do latim apenas eventualmente pode ser útil para explicar algum fenômeno sintático das línguas modernas. É, portanto, no nível lexical, na aquisição de vocabulário, que o estudo do latim pode auxiliar mais diretamente os alunos no aprendizado dessas línguas e não é à toa que desde M. A. Gonçalves a sintaxe seja um elemento excluído da literalidade, permanecendo ainda hoje um aspecto pouco explorado pelos tradutores brasileiros que buscam resgatar a poeticidade do original em suas traduções. Apesar da sabida relevância de efeitos poéticos ligados à ordem das palavras na poesia latina,¹⁴ pouco se experimenta no sentido de reproduzi-los em português. Ainda que se justifique pela tentativa de recuperação de elementos esteticamente relevantes no original, há grande resistência à tradução que é literal quanto à sintaxe, que continua a ser tachada como uma concepção tradutória ingênua, continuando seu produto a ser repreendido como tradução “de trabalho”, inacabada, ou por sua suposta ilegitimidade.

É lícito, portanto, questionar se a era escolar não teria deixado como herança uma crítica mais conservadora das traduções de poesia clássica quando comparadas a traduções de poesias de outras tradições.¹⁵ Pode-se, por exemplo, questionar se essa postura aprendida nas escolas e seus frutos editoriais não tiveram papel na mudança da recepção das traduções de Odorico Mendes, caracterizada pela latinização da sintaxe e pela criação de neologismos:

As traduções do maranhense foram muito aclamadas no momento de sua publicação, ocupando uma posição central no sistema brasileiro de literatura traduzida de então. Mais tarde, suas traduções foram bastante

¹⁴ Lateiner (1990) cataloga vários exemplos do que chama “sintaxe mimética” em Ovídio e, já em âmbito nacional, Vasconcellos (2008) lista exemplos em Ovídio, Virgílio e Catulo.

¹⁵ “Yebra (1994) também explora problemas específicos da tradução de línguas antigas, especialmente do latim. Segundo o autor, a tradução de línguas clássicas se distingue da tradução de línguas modernas pelo seu valor como instrumento para a aprendizagem da língua que se traduz. Para ele, a prática da tradução deve ser o instrumento didático mais recorrente no ensino do latim, sem que seja concebida, ao mesmo tempo, como um simples instrumento, mas com um fim em si mesmo” (FERNANDES, 2011, p. 83).

criticadas, passando a ocupar uma posição mais periférica (FERNANDES, 2017, p. 38).

Podemos, por fim, nos questionar se a precedência dos objetivos didáticos, num contexto em que o estudo do latim era explicitamente justificado como uma ferramenta para aprofundamento do aprendizado da língua portuguesa e para facilitar o aprendizado de suas irmãs neolatinas e pela importância do seu conteúdo humanista, não teria influenciado nosso modo de traduzir literatura latina que, ainda hoje, tem como aspecto predominante o fato de o trabalho do tradutor ser mais próximo do trabalho do intérprete decifrador do conteúdo do que do trabalho recriador da forma e dos efeitos poéticos, relegados a um plano secundário. No contexto em que se destinava a um público que deveria acessar o original, não se exigia autossuficiência estética da tradução já que ela seria apenas um auxiliar, um degrau de acesso ao texto latino, onde o leitor poderia observar diretamente suas características formais. Com o fim do ensino do latim nas escolas, quando o original já não faz parte do campo de presença do leitor comum, a tradução que era meio tornou-se fim. É na era dos diletantes que ressurgem tendências que buscam incorporar os elementos formais ao texto da tradução, acumulando objetivos num só texto, tentando comunicar, para usar as palavras de Haroldo de Campos (1977, p. 100), não só a “informação semântica” do original, mas também sua “informação estética”.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Tradução Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. 2.ed. Revista e ampliada. Florianópolis: UFSC, pp. 202-229, 2001.
- BERMAN, A. *A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. 2ª ed. Santa Catarina: PGET-UFSC, 2012.
- CAMPOS, H. de. A palavra vermelha de Hölderlin. In: CAMPOS, H. de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, pp. 93-107, 1977.
- CÍCERO. *De officiis*. Tradução: Maximiano Augusto Gonçalves. São Paulo: H. Antunes, s.d.
- CÍCERO. *Tratado da amizade, Sonho de Cipião e Paradoxas*. Tradução de Duarte de Rezende. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.
- DUARTE, A. da S. Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. *Translatio*, n. 12. Porto Alegre, pp. 43-62, 2016.

- FERNANDES, T. *A Literatura Latina no Brasil: uma história de traduções*. Florianópolis. 205 f. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- FERNANDES, Thaís. *A tradução e o ensino de latim*. Florianópolis. 159 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- GONÇALVES, M. A. *As Metamorfoses de Ovídio*. Texto latino, tradução justalinear e literária, e dicionário dos nomes próprios e mitológicos. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes Ltda. Editora, s.d.
- GONÇALVES, M. A. Prefácio à quinta edição. In: GONÇALVES, M. A. *Fábulas de Fedro: texto latino, ordem direta, tradução justalinear e literária, com anotações da obra completa de Fedro*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes Lda, 1957.
- GONÇALVES, W. F. Ovídio brasileiro: as traduções brasileiras de Ovídio no século XXI. *Translatio*, n. 14, Porto Alegre, p. 63-84, dezembro de 2017.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin-Companhia, 2013.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.
- HORÁCIO. *Sátiras de Horácio*. Tradução Literal de Antonio Augusto Velloso. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner, 1944.
- HORÁCIO. *Sátiras*. Tradução de Antônio Luís Seabra. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- LATEINER, D. Mimetic Syntax: Metaphor from Word Order, Especially in Ovid. *The American Journal of Philology*, Vol. 111, No. 2, pp. 204-237, Summer, 1990.
- MORA, C. de M. Ovídio. Arte de amar. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André, Lisboa, Livros Cotovia, 2006. Resenha. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 8, pp. 173-175, 2006.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução, introdução em notas de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.
- OVÍDIO. *A Arte de Amar*. Tradução de David Jardim Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, [198-?].
- OVÍDIO. *Amores & Arte de Amar*. Tradução, introduções e notas de Carlos Ascenso André; Prefácio e apêndices de Peter Green. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.
- OVÍDIO. *Arte de amar*. Tradução de Hélio Gomes da Luz. Rio de Janeiro: Organização Simões, [195-?].
- OVÍDIO. *As metamorfoses*. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. São Paulo: Organização Simões, 1959.
- OVÍDIO. *As metamorfoses*. Tradução de David Jardim Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.
- Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-21, e019004, 2019

- OVÍDIO. *Tristium*: Tradução Literal de Augusto Velloso. 2ªed. São Paulo: Organização Simões, 1952.
- RÓNAI, P. *Não perca o seu latim*. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- VASCONCELLOS, P. S. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil hoje: algumas considerações. *Scientia Traductionis*, São Paulo, n.10, pp. 68-78, 2011.
- VASCONCELLOS, P. S. Introdução. In: VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Campinas: Ateliê Editorial/Unicamp, pp. 9-24, 2008.
- VENUTI, L. *The translator's invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 2008.
- VERGNA, W. *Heroides: A concepção do Amor em Roma Através da Obra de Ovídio*. Rio de Janeiro: Edições Granet Lawer, 1975.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: H. Antunes, s.d.

Recebido: 21/08/2019

Aceito: 19/09/2019

Publicado: 26/09/2019

Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-21, e019004, 2019